

ANÁLISE DO MODO DE DETECÇÃO DA HANSENÍASE NA PARAÍBA (2006- 2016)

Saúde Coletiva

Kássia Katarine de Lima Gomes¹; Amanda Maria da Cunha Calado²

¹ Fundação de Ensino Superior de Olinda- FUNESO

² Fundação de Ensino Superior de Olinda- FUNESO

INTRODUÇÃO: A hanseníase uma doença infecciosa, crônica, de grande importância para a saúde pública devido à sua magnitude e seu alto poder incapacitante, atingindo principalmente a faixa etária economicamente ativa. Acomete principalmente a pele e os nervos periféricos, mas também se manifesta como uma doença sistêmica comprometendo articulações, olhos, testículos, gânglios e outros órgãos. O alto potencial incapacitante da hanseníase está diretamente relacionado à capacidade de penetração do *Mycobacterium leprae* na célula nervosa e seu poder imunogênico. O *M. leprae* é um bacilo álcool-ácido resistente e gram-positivo, em forma de bastonete. É um parasita intracelular, sendo a única espécie de micobactéria que infecta nervos periféricos, especificamente as células de Schwann (BRASIL, 2008). A hanseníase é uma doença diretamente ligada à pobreza, condições sanitárias e de habitação, visto que a aglomeração de pessoas é responsável pela maior disseminação do bacilo através da via respiratória. Além disto, em linhas gerais, é uma doença resultante da falta de acessibilidade dos sistemas de saúde, pois o diagnóstico é eminentemente clínico e seu tratamento não exige custos elevados nem instrumentos de maior complexidade tecnológica (CARVALHO, 2015). O Brasil detém o maior número de casos de hanseníase nas Américas e o segundo maior do mundo, atrás apenas da Índia (BARBIERE et. al, 2016). Com isso, a hanseníase continua apresentando destaque perante as doenças negligenciadas, se traduzindo como um importante problema de saúde pública. Embora, nos últimos anos, as metas de eliminação de doenças transmissíveis estejam mais perto de serem alcançadas (CARVALHO et. al, 2015). Dessa forma, o presente estudo teve objetivo de analisar o modo de detecção da hanseníase da Paraíba no período de 2006 a 2016.

METODOLOGIA: Trata-se de um estudo transversal e descritivo. Buscou-se investigar casos novos e modo de detecção da hanseníase na Paraíba, no período de 2006 a 2016. Os dados foram obtidos por meio do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) disponíveis para consulta no Departamento de Informática do Sistema Único de saúde (DATASUS). Os dados foram analisados e agrupados em tabela no Software Microsoft Excel® para facilitar a compreensão dos mesmos. A coleta dos dados foi realizada em março de 2017. O estudo respeitou os preceitos éticos de acordo com as normas relativas ao Conselho Nacional de Saúde, através da resolução 466/12, sendo dispensada a submissão do projeto de pesquisa ao Comitê de Ética por se tratar de dados secundários disponíveis em base de dados governamental de domínio público e não envolver diretamente seres humanos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: Durante o período de 2006 a 2016, em média foram registrados 705 casos novos ao ano de hanseníase na Paraíba, atingindo o máximo em 2006 com 952 casos e o mínimo em 2015 com 523 casos. A distribuição dos casos, segundo a faixa etária, demonstrou ser mais comum em indivíduos com a idade entre 20-34 anos, seguida de 35-49 anos. Do total de casos novos de hanseníase, detectados no período de 2006 a 2016, 53% foram através de encaminhamentos, a demanda espontânea com 27% dos casos, 3% dos casos o exame de contato, 2% o exame de coletividade e 15% outros e ignorados.

CONCLUSÃO: O número de casos novos de hanseníase no estado da Paraíba ainda é elevado apesar desse número ter diminuído nesses últimos dez anos. O modo de detecção predominante no Estado foi o encaminhamento seguido da

demanda espontânea. Isso pode ser reflexo das campanhas de esclarecimento sobre a hanseníase. A detecção através do exame de contatos e exame de coletividade foram baixos. Segundo Albuquerque et. al, a busca incessante dos contatos na hanseníase mostra-se um método eficaz para o diagnóstico precoce da doença, sendo possível diminuir as fontes de infecção e interromper a cadeia de transmissão desse agravo. Dessa maneira nota-se que no estado da Paraíba há a necessidade de dar maior enfoque aos exames de contato, visto que, a detecção por esse modo é muito baixa no estado e os contatos domiciliares de pacientes com hanseníase têm risco maior de adoecer. Um dado importante mostrado nos resultados foi que a maioria dos pacientes com hanseníase no estado faz parte da população economicamente ativa, entre a faixa etária de 20-34 anos, seguida de 35-49 anos, fato que pode constituir, portanto, num sério problema econômico para a região e gerar um imenso custo social. Nesse sentido, é de grande importância que sejam aprimorados os projetos e linhas de controle da hanseníase no estado da Paraíba.

Palavras-Chave: Hanseníase, Epidemiologia, Paraíba.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. ALBUQUERQUE, T. G.; CORRÊA, I. R. S.; DAXBACHER, E. L. R.; JÚNIOR, J. M. C. A.; MALCHER, C. M. S. R.; PIRES, C. A. A. **Hanseníase em menores de 15 anos: a importância do exame de contato.** Rev Paul Pediatr. 30(2): 292-5; 2012
2. BRASIL. Ministério da Saúde. **Vigilância em Saúde: dengue, esquistossomose, hanseníase, malária, tracoma e tuberculose.** Brasília: Ministério da Saúde, 2008. (Cadernos de Atenção Básica, n. 21) (Série A. Normas e Manuais Técnicos)
3. BARBIERE, A. R.; CAZOLA, L. H. O.; DINIZ, I. C.; LIMA, A. M.; LONGO, J. D. M.; RODRIGUES, M. M. **O papel transformador do estudante de medicina no cenário da hanseníase no Brasil: relato de experiência.** Revista Brasileira de Educação Médica. 40(2): 295-300; 2016
4. CARVALHO, F. P. B; FERNANDES, A. C. L.; FIGUEIRÊDO, D. L. A.; KNACKFUSS, M. I.; QUEIROZ, T. A. **Perfil epidemiológico de pacientes em reação hansênica.** Rev Gaúcha de Enfermagem. 36(esp): 185-91; 2015